

PASSADO ELETRÔNICO: NOTAS SOBRE HISTÓRIA DIGITAL

ELETRONIC PAST: NOTES ABOUT DIGITAL HISTORY

DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD | Professor do Departamento de História e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe. Professor do Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

O historiador precisa ser um *expert* em computadores para explorar a Internet? Neste texto, argumentamos que, para utilizar as novas tecnologias da comunicação e informação na pesquisa ou no ensino da história, não é preciso ser um maestro de computadores, um autômato insensível aos acontecimentos. As facilidades criadas pelos recursos eletrônicos e os obstáculos que surgiram são observados no artigo.

Palavras-chave: Internet; história; novas tecnologias.

ABSTRACT

The historian needs to be an expert in computers? In this paper we will defend the idea that to use new information and communication technologies in History issues, the historian does not need to be a master of computers, the most traditional steps in the methodological approach of History remains important. But the new skills from new media are very important too.

Keywords: Internet; history; new media.

RESUMEN

El historiador debe ser un experto en computadoras para navegar por Internet? En este texto defenderemos la idea de que para involucrar las nuevas tecnologías de comunicación y información en la investigación histórica o la enseñanza de Historia, el historiador no necesita actuar como una especie de maestro de computadoras. Ese artículo considera que las antiguas bases metodológicas siguen siendo importantes, pero llegan nuevas contribuciones.

Palabras clave: Internet; historia; nuevas tecnologías.

O historiador precisa mesmo ser um *expert* em computadores para explorar a Internet? Neste texto, apresentamos algumas observações sobre “este falso dilema”, sugerindo uma concepção do historiador como uma figura mais próxima do Ogro, o temido ser de lendas infantis, personagem da cultura europeia, imortalizado n’O *pequeno polegar*, de Charles Perrault, e nas ilustrações de Gustave Doré (1832-1883), distanciando-a tanto da imagem de um *hacker* ou *nerd*, profundo conhecedor dos segredos das novas tecnologias, quanto do *geek*, que, nos últimos anos, apareceu como o típico usuário das novas tecnologias. Defenderemos a ideia de que para aventurar-se pela História do Tempo Presente, o pesquisador não necessita ser uma espécie de maestro de computadores, um autômato insensível aos seus dias e aos acontecimentos.

De início, no entanto, precisamos reconhecer que o nosso convívio com as tecnologias digitais e com a Internet é relativamente recente. É certo, temos muito a aprender com elas. Como já nos foi lembrado, se toda história humana fosse condensada em 24 horas, as mídias tal qual nós conhecemos hoje teriam aparecido nos dois minutos antes da meia-noite (Cohen, 2011). Mas desde que começaram a se popularizar entre os acadêmicos, estas não deixaram de seduzir e provocar o surgimento de “neoluditas” ou “technocéticos”, por um lado, e “ciberentusiastas”, de outro. Os primeiros denunciam a todo custo os riscos apocalípticos dos computadores e da Internet. Na verdade, os “neoluditas” já nos acompanham há certo tempo. Que dizer dos críticos do cinema, do rádio e do ensino à distância, por exemplo? Para eles, estas novas tecnologias da comunicação, cada uma em seus primeiros dias de uso, seriam um engodo, uma fraude, uma ferramenta de potencial limitado principalmente quando concebida para fins educacionais.

Marc Ferro mencionou as referências ao cinematógrafo como passatempo de iletrados, *media* dos idiotas (Ferro, 1992). Evgeny Morozov, por sua vez, aponta as muitas críticas recebidas pelo telégrafo por sua aparente capacidade de divulgar assuntos banais no século XIX. No entanto, para alguns, este invento seria capaz até mesmo de acabar com as guerras. Com um aparelho que podia fazer qualquer mensagem correr o mundo e alcançar os pontos mais extremos da Terra à velocidade inimaginável possibilitada pela eletricidade, não havia razão para a descrença na paz, na capacidade de produzir consensos ou nos avanços diplomáticos. A ideia era a de que o diálogo entre os homens ganharia, com o telégrafo, um poderoso aliado. O novo invento apresentava potencial para aproximar o mundo (Morozov, 2010). Apesar disto tudo, o influxo da popularização dos computadores sobre os historiadores parece ter sido ainda maior.

Talvez o melhor exemplo do segundo grupo – aquele dos otimistas – seja a previsão feita por Emmanuel Le Roy Ladurie num artigo publicado no *Le Nouvel Observateur*, em 8 de maio de 1968. Nele, o autor afirmava: “O historiador do futuro será programador ou não será” (2011).¹ Apesar do cuidado em restringir a sua observação ao campo da história quantitativa,

1 O texto foi publicado originalmente em 8 de maio de 1968. Depois, foi escrita uma nova versão no livro *Le Territorien de l'historien* (Gallimard, 1973).

Ladurie esboça certa tecnofilia que parece ter tomado os trabalhadores de Clio por um tempo. O quanto isto alterou nosso modo de pensar? Provavelmente, seja ainda muito cedo para que tenhamos uma resposta. Porém, evitar o debate não nos parece a estratégia acertada. Propomos o contrário: vamos a ele. Ensaaiemos reflexões sobre o ofício do historiador diante das novas mídias, em dias de Internet.

Deste modo, quais as ressonâncias das novas tecnologias na prática histórica? Esta pergunta põe em relevo a necessidade de aprofundarmos a discussão sobre o fazer história na era digital. Ela encontra mais força ainda no fato de que os nossos alunos, em sua maioria, são agora do tipo *digital born* (nativos digitais): devotados ao repetitivo exercício de responder, sempre rapidamente, a dezenas de mensagens de textos e *e-mails* durante as aulas, atualizando redes sociais, encontrando informações sobre eventos, mas também sobre a vida privadas dos seus professores na Internet (Prensky, 2012). Os estudantes, jovens em sua maioria, dispensam muito tempo “cutucando”, curtindo, postando, comentando e principalmente compartilhando. Mesmo assim, o ciberespaço ainda é um país estrangeiro para parte significativa dos historiadores que, em lugar de nativos, são antes imigrantes digitais e, por mais que se esforcem para dominar a linguagem, sempre falarão com certo sotaque.

É, pois, um distanciamento inquietante. Um silêncio sem sentido. A era digital tem afetado todos aqueles que praticam e estudam a história profissionalmente. Todavia, o mais correto seria considerar que historiadores não necessitam aprender novas tecnologias ou dominar os intrincados códigos de computadores; eles não precisam se tornar cientistas de computadores. Os historiadores não precisam obrigatoriamente ser *hackers* ou *geeks*. Talvez, resida aí um primeiro erro, como explica Toni Weller, parte considerável do problema reside nesta ênfase em discussões técnicas, distantes dos debates sobre as habilidades realmente imprescindíveis ao historiador (Weller, 2013). Tãmanha exigência, tãmanha distorção, acabou antes por afastar os historiadores em lugar de aproximá-los de aliados como os computadores, as novas mídias e a Internet. Tentemos entender como este quadro se desenhou.

Resultante de um processo iniciado ainda ao final da década de 1950, a Internet se tornou comercial por volta de setembro de 1993 (março de 1994 para outros). Portanto, já experimentamos duas décadas de convivência. De lá para cá, a Rede deixou de ser um reducto de *nerds* e militares e foi colonizada pela gente comum, por não especialistas (Briggs; Burke, 2013). As palavras de Mark Zuckerberg, um dos fundadores do Facebook, afirmando que “um esquilo morrendo na porta da tua casa pode ser mais importante para os seus interesses agora do que pessoas morrendo na África” (Parisier, 2011) dão a dimensão da banalidade e do olhar para o presente contínuo que esta rede adotou. Tudo está na Internet agora ou, ao menos, é esta a nossa impressão. Certa vez, Norbert Elias nos lembrou que “o aparecimento mais ou menos súbito de palavras e línguas quase sempre indica mudanças na vida do próprio povo, sobretudo quando os novos conceitos estão destinados a se tornarem fundamentais e de longa duração como esses” (1994). Ora, a Internet gerou verbos próprios (*google me*, *twitt me*, *mail me*, por exemplo), criou as suas próprias palavras, suas próprias doenças (Medalia, 2013), rearranjou a esfera pública, as relações pessoais, a economia e até mesmo a política.

Historiadores como Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Peter Burke e Robert Darnton abordaram as influências da Internet. Para Ginzburg (2014), a Internet, mais especificamente o Google, é um poderoso instrumento de pesquisa histórica e, ao mesmo tempo, um poderoso instrumento de cancelamento da história. Enquanto para Roger Chartier (2004), os expedientes clássicos do ofício parecem inalterados, Darnton (2005) chama a atenção para possíveis riscos de uma privatização da Internet. Este último, inclusive, como diretor da biblioteca da Harvard University, bateu-se contra o Google e seu projeto de digitalização das obras com *copyright* daquela instituição, propondo algo mais democrático e gratuito. Mas os trabalhos destes pesquisadores não constituem estudos exaustivos, e pesquisas de fôlego ainda são pouco conhecidas em língua portuguesa. As reflexões de autores como Ginzburg e Burke são principalmente impressões que não se pretendem como coordenadas para a pesquisa. Apesar disto, o desafio do estudo dos usos da Internet, entre historiadores, continua relegado a conversas, aos cafés, a breves artigos, como também nos lembrou Toni Weller (2013). O quadro tem sido transformado numa velocidade bem abaixo do esperado. Todos concordamos que algo precisa ser feito, mas de fato sabemos o quê?

Se nos voltarmos à paisagem nacional, a imagem não é lá muito diferente. Nossas vulgatas mais conhecidas têm evitado abordagens aprofundadas sobre o tema. Pouco se avançou. Se tomarmos alguns dos mais conhecidos manuais, quase nada encontraremos sobre computadores, novas tecnologias da informação ou a Internet. É verdade que, em *Os métodos da História*, obra basilar de Ciro Flamarion Cardoso, escrita em parceria com Héctor Pérez Brignoli (1983), percebe-se certo encantamento pelos computadores como colaboradores das pesquisas históricas. Mas obras concebidas décadas depois, a exemplo dos dois volumes dos *Domínios da História*, também organizados pelo mesmo Cardoso, em parceria com Ronaldo Vainfas (2012), pouco espaço dedicaram ao mundo digital. Se, no primeiro livro, de 1997, podemos explicar a defasagem, no texto de Lucas Figueiredo (1997), pela experiência recente, haja vista que a Internet ainda engatinhava entre os pesquisadores brasileiros (o próprio autor nos avisa disto no capítulo que escreveu), o mesmo não se pode dizer do volume dois, lançado após 15 anos do primeiro. Lamentavelmente, o único capítulo dedicado ao assunto, assinado por Célia Tavares, que reflete sobre a informática e sua relação com a produção e divulgação do conhecimento histórico, limita-se a menções de autores que abordaram a *Web* de modo ocasional, deixando de lado investigações mais recentes, articuladas e densas.

Ao que parece, experimentamos um curioso paradoxo. A constatação ocorre porque, embora a maioria dos historiadores utilize cotidianamente a Internet e seus recursos em suas pesquisas – *e-mails*, listas de discussão, *sites* oficiais, sistemas de editoração eletrônica, divulgação por meio de redes sociais e até mesmo a maior associação brasileira de professores e pesquisadores de história (Anpuh) disponha de um *site* (www.anpuh.org) para apontar seleções, lançamentos e eventos, os docentes não costumam se envolver com reflexões sobre recursos digitais. Conseqüentemente, estudantes não são instigados a pensarem sobre o digital, não são motivados a aplicar as metodologias tradicionais da história ao seu cotidiano digital e a experiências *on-line*.

No entanto, é sempre conveniente lembrar que a mudança é uma marca da história enquanto campo do conhecimento. Ela precisa ser pensada como uma prática social (Prost, 2009). É algo construído, mediatizado, comunicado e que responde a determinados anseios no tempo e no espaço. Indubitavelmente a história – se concebida como um campo de saber, com regras próprias para a sua produção – mudou no tempo. Mas a chegada de novas mídias, da Internet e o olhar apurado para o tempo presente não retiram de nós a preocupação típica do historiador. Marc Bloch nos lembra que:

Mesmo permanecendo pacificamente fiel a seu glorioso nome helênico, nossa história não será absolutamente, por isso, aquela que escreveu Hecateu de Mileto; assim como a física de Lord Kelvin ou de Longevin não é a de Aristóteles (Bloch, 2001).

É, portanto, história o que fazemos e nela deve residir a nossa preocupação. É deste lugar que emitimos o nosso discurso. É da história que elaboraremos as nossas questões. A inclusão de novas mídias não deve exercer, no caso da História do Tempo Presente, o papel de fiel da balança, embora seja inegável o seu influxo sobre o campo (Nora, 1976).

O observatório mais rico para pensarmos o tempo presente é sempre aquele instalado nas produções culturais de cada época. É isto que nos lembra a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que se empolga na ânsia de entender o tempo vivido: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”. Conforme nos ensina Bloch, “o erudito que não tem o gosto de olhar a seu redor nem os homens, nem as coisas, nem os acontecimentos, merecerá talvez, como dizia Pirenne, o título de um útil antiquário. E agirá sensatamente renunciando ao de historiador” (2001). E qualquer um que olhe ao seu redor, verá um mundo cada vez mais digital, cada vez imerso em cliques e alavancado pela velocidade, estruturado entre *bites* e profundamente dependente das trilhas eletrônicas da Internet (Lévy, 1999).

Por falar em mudanças, um dos primeiros aspectos a serem considerados, no caso da *Web*, provavelmente é o tipo de prática que ela implica e potencialmente amplifica. A cultura de compartilhamento e participação baseia as normas deste novo ambiente desde os seus primeiros dias, como nos mostraram Manuel Castells (2003) em sua *Galáxia da Internet* e Richard Barbrook (2009), em *Futuros imaginários*. Neste sentido, é importante considerar quais as ressonâncias desta cultura para os historiadores. Vejamos algumas delas.

Uma primeira constatação encontra-se no potencial democratizador que a Rede possui. Para aqueles que pesquisam e ensinam a história, certamente esta é uma tendência a ser considerada. Um exemplo pode ser observado no Arquivo Nacional britânico, por meio de iniciativas como a digitalização e disponibilização de diários (The national archives, [2014])²,

2 Conforme William Spencer, pesquisador ligado ao Arquivo Nacional britânico, “disponibilizar as páginas dos diários da Primeira Guerra Mundial *online* permite que pessoas de todo o mundo descubram as atividades diárias, histórias e batalhas de cada grupo”. O acesso a tais registros, explica Spencer, certamente conduzirá a novas descobertas e perspectivas” (Estado de São Paulo, 2014).

escritos por soldados que participaram da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Onde está a diferença? É possível identificar alguma mudança substancial? O que distinguiu grupos, como aquele do *The invisible college* (Shirky, 2011), surgido no século XVII, dos alquimistas, foi provavelmente a cultura de compartilhamento. Ambas usavam as mesmas ferramentas e tinham acesso ao mesmo tipo de formação. Mas enquanto os alquimistas envolviam seus procedimentos e descobertas em uma névoa de segredos, em chaves e mais chaves de leitura, os participantes do *invisible college* trocavam informações, compartilhavam seus resultados e inquietações. Os resultados deste segundo grupo reforçam a ideia de que precisamos considerar que a ciência é feita através de operações solidárias, em trabalhos coletivos em rede, em cooperação. É assim que ela dá saltos.

Olhando por esta ótica, a preservação e a privatização dos arquivos merecem estudos cuidadosos, mas parece-nos que, no segundo caso, ficou mais difícil monopolizar registros, mas não impossível. Isto implica em uma quebra de centro, em um poderoso deslocamento de forças nas Academias. E possivelmente esta modificação encontre-se relacionada a novas dinâmicas culturais. Se considerarmos as dimensões continentais de um país, como o Brasil, por exemplo, esta mudança possui um efeito democratizador sem precedentes.

Indubitavelmente, a mudança de uma cultura de escassez para uma cultura de abundância é uma marca destes tempos digitais. Em lugar de relíquias, temos uma riqueza atordoante de fontes. O caso Wikileaks, pelo embate de forças envolvidas nele, é possivelmente o exemplo mais representativo desta mudança: 251 mil documentos roubados em um CD (Maynard, 2011), numa operação que antes dos tempos digitais não poderia ser suscitada sem considerar o uso de alguns caminhos. E tal metamorfose faz emergir uma pergunta fundamental: quem é o responsável por preservar o registro histórico na era digital? Afinal de contas, digitalização e preservação não são baratas. E, ao mesmo tempo, o presente eletrônico, conforme advertiu Ginzburg, pode apagar o passado (2010). O quadro pode ficar ainda mais angustiante se considerarmos que, além disto tudo, também precisamos atentar para o fato de que muito do que hoje está sendo feito simplesmente será perdido para sempre. De um modo ou de outro, os historiadores enfrentarão desafios na era digital. A seguir, alguns deles são sumariamente colocados.

Um primeiro desafio diz respeito à preservação de material digitalizado. Há décadas diferentes, documentos têm sido digitalizados sob o argumento central de que a preservação deles é necessária. Iniciativas resultantes de importantes missões de estudos, intercâmbios acadêmicos e dispendiosos projetos de pesquisa ofereceram como produtos principais rolos e rolos de microfílm, CDs e, mais recentemente, DVDs com uma infinidade de registros, alocados em prestigiosos lugares de memória do mundo. A questão mais preocupante não é como navegar nesta maré de dados, mas como se dará a preservação daquilo que suporta tais documentos, que os exhibe, que os faz visíveis para o pesquisador. Ou seja, além de preservar, precisamos refletir e planejar o acesso, o uso destes registros.

Mas se os problemas são grandes com o material convertido para o formato digital, não são menores para aqueles que já nascem assim. Como arquivar *blogs*, reportagens ou vídeos

produzidos na Internet? A quem caberá tal função? O debate sobre a conservação também precisa levar em conta as exigências da preservação de material nascido digital.

Outro importante desafio está na migração para novos formatos diante da rápida obsolescência de *hardwares* e *softwares*. Devido à dinâmica em suas transformações, registros digitais necessitarão de ferramentas que possibilitem o acesso às informações neles contidas, embora os suportes para leituras muito provavelmente já tenham se tornado obsoletos. Deste modo, como ler as mensagens deixadas nos velhos disquetes de 5,25 polegadas? Ou como fazer um *site* criado em 1998, idealizado para ser o mais interativo do seu tempo, comportar-se dentro do que era esperado naquele ano? Como aproximar o pesquisador da experiência de usar uma página eletrônica em versão 1.0 da *Web*? Como emular o passado cibernético?

Finalmente, a tarefa de ensinar através da Rede talvez seja o desafio mais admirável e inquietante. Se é certo que a rede mundial de computadores apresenta um inegável potencial democratizador, ela também poderá limitar, ludibriar e colaborar para o esquecimento do passado. Podemos tomar o exemplo usado por Carlo Ginzburg e o da jovem russa chamada por ele de "Diana". Quando a moça passou a sofrer ataques epiléticos, usou o Google para encontrar uma resposta e viu-se como uma *benandanti* (Ginzburg, 2001), tal qual aqueles mencionados em obras do historiador italiano: "Em poucos minutos e graças ao Google, Diana transitou por 15 séculos e diversos territórios" (Ginzburg, 2010). É justamente esta imensa capacidade de dissolver o passado, fragilizar o presente, que exige atenção quanto ao ensino da história em tempos de Internet.

Tais desafios certamente exigem dos historiadores muita destreza. Ao mesmo tempo, nos colocam algumas tendências. Uma delas está no fato de que historiadores do futuro que desejem utilizar documentos nascidos digitais, terão que desenvolver novas formas de pesquisa e mesmo novas habilidades (Weller, 2013). A consulta a sítios fora de funcionamento, a jogos eletrônicos que já não possuirão facilmente os seus consoles originais, a *blogs* e redes sociais que caíram em desuso (pensemos na relação dos brasileiros com o Orkut, por exemplo), somente será viabilizada pela utilização de suportes que talvez não sejam popularizados justamente por lidarem com registros que não mais interessarão. Precisamos lembrar que certos programas foram e são criados para serem lidos em versões específicas de máquinas, como jogos para consoles do tipo *Playstation 2*, *Atari 2600* ou *X-Box*, por exemplo. Ou CD-Roms interativos produzidos para serem lidos em plataformas que trabalhavam com os limites da tecnologia dos anos 1990 em termos de som, imagem e velocidade.

Desta forma, arquivos gerados em computadores com *Windows 98* tendem a não ser lidos por aqueles produzidos em 1995, por ambientes MS-DOS e assim por diante. Como se pode perceber, as dificuldades para aqueles que trabalham com registros que foram guardados em disquetes, em fitas cassetes e, em certos casos, em CDs já são grandes. O que ocorrerá quando as máquinas leitoras se tornarem ainda mais raras? Experimentamos, por outro lado, por meio de redes como o *Facebook*, a musealização da vida cotidiana, como afirmou Andreas Huyssen (2014). E tal metamorfose traz consigo uma pergunta fundamental: quem é o responsável por preservar o registro histórico na era digital?

Outra percepção a ser adotada é a de que, embora a preservação não seja possível quando tratamos da experiência original, podemos e devemos explorar aquelas implicações que de fato fazem a diferença (Weller, 2013). A ideia de que não se pode pesquisar a Internet, por não se poder dar conta dela integralmente, é ingênua, remetendo a um positivismo rasteiro. Ora, o historiador lida com registros do passado, com evidências de um tempo que não é mais o seu. A própria existência deste ofício resulta da incapacidade de retermos tudo, da impossibilidade de imobilizarmos o passado. Cientes desta dinâmica, não temos como criticar a ausência de uma capacidade infinita da Internet ou das novas mídias de tudo guardar. Não podemos preservar as tropas de Napoleão, mas nem por isto se deixa de estudar Waterloo, tampouco se aponta o fim de pesquisas sobre a Amazônia, porque parte significativa dos seus historiadores sequer percorreu 5% daquele território. Em diversos lugares, parte da história do rádio tem sido feita sem registros sonoros disponíveis simplesmente porque eles não existem. Em que medida tais casos se diferenciam dos problemas enfrentados pela Internet?

Por outro lado, a existência de falsificações também não pode servir como argumento para que os trabalhos em torno da *Web* sejam desaconselhados. Basta uma rápida consulta aos manuais e relembremos que os problemas em torno dos falsos documentos ocupam os historiadores há tempos. Confrontar registros, verificar a sua autenticidade, é parte do nosso ofício. Como utilizá-los agora para imobilizar possíveis pesquisas? Assim sendo, como Weller reforça, diante de desafios e problemas, é mais proveitoso que consideremos a necessidade de domínio de habilidades básicas (Weller, 2013).

As ferramentas digitais têm alterado a produção e a disseminação do conhecimento. O seu uso adequado implica a compreensão, mas não necessariamente o profundo entendimento das mesmas. Não precisamos mais dominar enormes fórmulas para operar computadores. E isto é algo muito bom. Contudo, além desta importante constatação, é pertinente atentarmos para pontos centrais da arquitetura das novas tecnologias, em especial a Internet, considerando as suas potencialidades e os riscos em que elas podem implicar.

Evidentemente, muitas das promessas em torno do universo digital não se cumpriram. Graças a isto, o Apocalipse sugerido por William Gibson em seu clássico *Neuromancer* (2008) não se realizou. E para o espanto de alguns, os professores não desapareceram. A história não teve fim. Ao contrário, acontecimentos, como o 11 de setembro de 2001, a crise econômica de 2008, as eleições de governantes de esquerda na América do Sul, a Primavera Árabe são exemplos de como uma forte demanda social se formou em torno não apenas da pesquisa histórica, mas do seu ensino. E, em meio a isto, a necessidade de pensar como celulares, *tablets*, computadores, *e-mails* e tuítes influenciaram em tais processos históricos, o que empurrou os historiadores contra a parede.

Em meio a tudo isto, conforme Daniel Cohen e Roy Rosenzweig, a história sofreu importantes transformações. As tais novas tecnologias, com participação destacada da Internet, obrigaram os historiadores – ainda que a contragosto – a considerarem as implicações destas inovações nas formas de pesquisar, escrever, difundir e ensinar acerca do passado (2006). Mas historiadores – e aqui entramos no delicado terreno que envolve a profissionalização

– ainda podem ser definidos de maneira ampla. Sob esta “rubrica”, podem ser encontrados diletantes, jornalistas, professores da educação básica, memorialistas, cineastas, literatos, acadêmicos das mais diversas áreas (2006). Sendo assim, uma pergunta adequada seria: de que modos os tempos digitais influenciam o ofício do historiador?

Acompanhamos aqui os professores Daniel Cohen e Roy Rosenzweig que delimitam sete qualidades na produção da história em tempos digitais. São elas: capacidade, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade. Entre tais traços, é possível identificar mudanças de ordem “aditivas” ou quantitativas e mudanças de ordem qualitativas ou “expressivas”. Vejamos, ainda que sinteticamente, cada uma delas.

Uma primeira qualidade, apontada por Cohen e Rosenzweig, é a capacidade. Em tempos de novas mídias, os historiadores se veem diante da possibilidade de trabalhar com muitos dados em pouco espaço e, em grande maioria, a baixo custo (2006). Com as novas tecnologias, os arquivos tiveram as possibilidades de armazenamento ampliadas. Evidentemente, a mera condição de estocar registros não constitui um arquivo, mas é inegável o horizonte que tanto suportes físicos quanto virtuais abriram para a conservação de dados das mais diferentes naturezas, isto é, de uma diversidade antes impensável: áudios, vídeos, infográficos, imagens digitalizadas, animações, jogos eletrônicos etc. As mídias digitais podem condensar uma quantidade sem precedentes de dados. Em contrapartida, como se produz uma história se toda a evidência possível estiver disponível ao historiador?

A questão acima abre espaço para o debate sobre a acessibilidade, pois de nada adianta guardar material se ele não estiver disponibilizado. Cohen e Rosenzweig observam que a obtenção de um público mais amplo é uma das preocupações frequentes entre os historiadores. E esta pretensão ganha com a Internet e as novas tecnologias da informação, importantes auxiliares para concretizar-se. Por outro lado, o acesso instantâneo a fontes primárias e secundárias, bem como a habilidade para muito rapidamente produzir conexões, provocam mudanças significativas na forma de pesquisar e de escrever a história (2006). Consequentemente, a Internet permite aos historiadores falar a um público mais vasto, mais disperso, sem que os custos para isto sejam ampliados. Importantes iniciativas têm possibilitado a democratização de acervos.³

Outra característica que novas mídias e principalmente a Internet permitiram aos registros foi a de flexibilidade – o passado pode se tornar mais rico quando o registro assume diferentes formas. A flexibilidade conferida aos registros digitais é marcante na Internet possibilita que um mesmo dado seja rearranjado, servindo a comparações, contrastes, complementações (Cohen, 2006). E assim ela transforma a experiência de consumir e as circunstâncias para a produção da história. Por exemplo: a Internet não apenas se tornou mais

3 Exemplo pode ser conferido em projetos como o *Open The Archives* (Brown University Library, 2013), desenvolvido através de uma parceria entre a Brown University e a Universidade Estadual de Maringá. O projeto foi lançado com dois mil documentos digitalizados, produzidos de 1963 a 1977. Tais documentos são materiais do Departamento de Estado dos EUA. O site disponibiliza digitalizações com endereços disponíveis nas páginas da Universidade Estadual de Londrina e da Brown University.

aberta para novos leitores, também se abriu para novos narradores de história. Resultante disto, o número de autores de páginas dedicadas à história tende hoje a ser muito superior ao número de autores de livros de história. Tais autores, é preciso que se lembre, formam um público diversificado (e assim a hierarquia é quebrada). As críticas e as reclamações são grandes por parte dos historiadores profissionais, por aqueles assentados em respeitadas instituições de pesquisa, diante da constatação de que parte considerável dos *best-sellers* escritos sobre temas históricos não é obra de membros da corporação. Sendo assim, o que podemos aprender com tais mudanças quantitativas? Nós podemos alcançar mais pessoas, obter e produzir mais material histórico para as salas de aulas, oferecer aos estudantes mais acesso a documentos antes enclausurados, ouvir diferentes perspectivas.

Porém, tais transformações, se afetam o aspecto quantitativo, também atingem substancialmente a qualidade dos registros. Podem ser pensadas a partir do conceito de manipulabilidade, entendido aqui como a possibilidade de engendrar dados pelo uso de ferramentas eletrônicas, conduzindo a descobertas que antes não estavam evidentes. *Softwares* podem permitir a ampliação e a distorção de imagens. Para o estudo de documentos, por exemplo, a possibilidade de aplicar o *zoom* ao registro, recortar a parte que imediatamente interessa, girá-la, criar a partir dela uma galeria, compará-la, melhorar a sua resolução são processos proveitosos no andamento de qualquer pesquisa. Porém, esta capacidade de manipular a fonte pode promover experimentos de diferentes fins e tipos.⁴

A relação com o público ganha na preocupação com a interatividade um destaque importante. Afinal de contas, ela estabelece diferentes e múltiplas formas de diálogo histórico. Temos aí uma imensa possibilidade de transformação da prática histórica, de ampliar as formas de levantamento de fontes, de troca de informação, de redução nos custos das pesquisas e na ampliação no compartilhamento de trabalhos. A Rede trouxe consigo um leitor que se encontra em posição diferenciada. Se o texto chega ao ciberespaço, este novo público pode corrigir, colaborar com o envio de dados, divulgar e até corrigir a pesquisa.

Por fim, temos a hipertextualidade, uma espécie de princípio constitucional da *Web*, que exige refletir sobre um paradigma antes pautado nas ideias de centro, hierarquia e linearidade. Entram em cena multilinearidade, nós, *links*, redes de trabalho. Embora permaneça ainda claro que a história em sua narrativa para ser comunicada precisa ter uma estrutura que mantenha o circuito começo, meio e fim, a forma clássica e linear de exposição tende a se modificar em ambientes digitais. Esta nova forma, que certamente atordoará a muitos, permite ao leitor acompanhar a produção do conhecimento histórico: ler as fontes que foram utilizadas, talvez ouvir a música que se menciona, assistir ao vídeo que foi criticado e, deste modo, realizar ele mesmo a crítica ao trabalho lido. Tudo isto sem que a estrutura básica da arquitetura argumentativa seja perdida. E também sem uma inflação nos custos.

4 Ver, por exemplo, a campanha publicitária do jornal sul-africano *The Cape Times* (2013). Uma série de registros fotográficos clássicos, como o beijo de Times Square, foram transformados em *selfies*. A chamada era "You can't get any closer to the news" ou "Você não pode ficar mais perto da notícia" (Kiefaber, 2013).

O que é o hipertexto, senão a pretensão de oferecer a experiência da leitura do registro em três dimensões?

Apesar da paisagem de avanços e vantagens, é preciso salientar que os empecilhos também não são poucos. Por isto, gostaria de tocar em apenas alguns dos estorvos no horizonte da pesquisa e do ensino da história quando vestígios eletrônicos são o assunto.

O primeiro deles diz respeito a algo que tira o sono de qualquer historiador: a qualidade do registro. Neste novo universo, os tradicionais repositórios de informação irão manter o seu *status*? Como avaliar as fronteiras da qualidade histórica e da autenticidade na *Web*? Uma coisa a se considerar é que a discussão em torno da qualidade, autenticidade e autoridade pré-dada a Internet. Consequentemente, nossos debates sobre fontes históricas, sobre heurística e sobre os procedimentos de crítica não podem ser postos de lado. Porém, eles precisam, em certos casos, ser atualizados. Concordamos com Weller no argumento de que se a mídia digital abalou a confiança e autoridade de certos registros, já que agora tudo pode ser manipulado e postado na Internet. Cabe a nós como historiadores restabelecer os procedimentos de legitimação, discernimento e autoridade. Afinal de contas, os historiadores já fizeram isto outras vezes, quando enfrentaram os desafios provocados pelos filmes, por exemplo (1992).

Outro problema é a durabilidade, já que os tempos digitais abrem generosamente as portas ao sonho de tudo preservar. No entanto, a preservação e o arquivamento de material histórico são problemas que nos impelem a pensar o que deve ser preservado e quem deve preservar. Experiências como as do *Internet Archive* (www.archive.org) revelam o esforço por permitir pesquisas em versões “antigas” de sítios eletrônicos. No nascente século XXI, uma questão fundamental gira em torno dos custos de manutenção e da responsabilidade por arquivar e organizar estes registros.

O debate acima colocado se mostra estratégico, haja vista que os historiadores já enfrentam o problema da inacessibilidade. E tal dificuldade se dá por diferentes razões, sendo possível destacar duas delas: a) há um problema de letramento digital. Nem todos dominam os procedimentos básicos para a navegação em alguns ambientes ou mesmo o uso de um computador; b) os custos do acesso à Internet. Todavia, ambas as variáveis tendem a cair. No caso do acesso, a expansão de experiências de Internet livre em praças, escolas, bibliotecas, universidades e outros locais de pesquisa certamente colaborará para que os usos dos ambientes digitais sejam ampliados. No que se refere ao domínio das novas tecnologias da capacidade de navegação, as contínuas atualizações que máquinas e programas experimentaram nos últimos anos e a preocupação com a criação de diferentes recursos de acessibilidade – comandos por voz, telas em contraste, ampliação de fontes etc. – sinalizam os ganhos no sentido de transformar usuários originalmente analógicos em legítimos imigrantes digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste cenário desafiador, vale lembrar que, no final das contas, o ganho considerável diante da capacidade de reunir diferentes tipos de registros merece celebração, não desespero e temor, pois, como observaram Jean Boutier e Dominique Julia, “não pode ha-

ver História senão erudita; a coleta metódica dos dados repousa sobre o recurso, frequente ainda que variável, segundo as épocas e os lugares” (1998). Evidentemente, é importante salientar que, embora seja possível falar em uma história digital, as perguntas que tradicionalmente surgem para o historiador permanecem as mesmas: quem, o que, quando, onde e por quê? formam o grupo de questionamentos que continuam a nos inquietar, a movimentar nossas investigações. Ou seja, as antigas bases metodológicas permanecem importantes, mas novos aportes chegarão. No caso da História do Tempo Presente e dos registros digitais, o segredo é entender que eles são complementares, mas não excludentes.

As ferramentas digitais têm alterado a produção e a disseminação do conhecimento. Entretanto, é preciso ter consciência de que o uso adequado de tais recursos implica a compreensão, mas não necessariamente o domínio das mesmas. Temos aí problemas importantes, complexos. Quem regulará a ideia de autoria ou autenticidade? O acervo disponibilizado *on-line* será livre ou, ao contrário, ficará à mercê de megacorporações?

Enfrentamos indubitavelmente o desafio de lidar com “novas percepções do tempo e do espaço nas sociedades midiáticas contemporâneas” (Huyssen, 2014). Consequentemente, fazer história digital é estabelecer uma nova estrutura através da tecnologia para as pessoas experimentarem, lerem e compreenderem um argumento sobre um problema histórico. E para colocar o passado *on-line*, devemos lembrar do conselho de Marc Bloch. No fim das contas, “são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (Bloch, 2001).

Por fim, se for possível fazer um diagnóstico das ressonâncias das novas tecnologias na pesquisa e no ensino da história, poderíamos dizer: 1) tais tecnologias, reforçamos, já não são assim tão novas; 2) a partir da emergência de suportes digitais, temos problemas de hierarquia, de autoria, de acesso, de arquivamento e preservação que precisam ser enfrentados; 3) o historiador do presente envolve-se com uma tarefa em que quanto mais se compreende, mais se tem a necessidade de procurar. Como um lago que nunca se enche... Portanto, o historiador deve se aproximar da Internet e dos tempos digitais dominando as habilidades básicas do seu ofício, sem necessariamente ter que ser um programador. Precisa enfrentar estes desafios, não deve deixá-los aos colegas de outras áreas. Ele não precisa ser um *hacker*, um *expert* em informática. Mais vale permanecer inspirado pelo ogro e buscar carne humana. Afinal de contas, é disto que trata a história, qualquer história, digital ou analógica, que mereça assim ser chamada.

Referências bibliográficas

BARBROOK, Richard. *Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2009.

BLOCH, Marc. A História, os homens e o tempo. In: BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 51-68.

- BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.
- BROCKMAN, John (org.). *Is the Internet changing the way you think?* New York: Harper Perennial, 2011.
- BROWN LIBRARY. *Opening the archives project*. Brown University Library, 2013. Disponível em: library.brown.edu/openingthearchives/?lang=PT. Acesso em:
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- _____. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CARR, Nicholas. The bookless library. In: BROCKMAN, John. *Is the Internet changing the way you think?* New York: Harper Perennial, 2011. p. 1-3.
- CHARTIER, Roger. A história na era digital. In: ANTUNES, Cristina; CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 60-61.
- COHEN, Daniel J., ROSENZWEIG, Roy. *Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- DARNTON, Robert. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 40-89.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.
- FERRO, Marc. *Cinema e história*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FIGUEIREDO, Luciano R. História e informática: o uso do computador. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 419-440.
- GIBSON, William. *Neuromancer*. 4. ed. São Paulo: Aleph, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *História na era do Google*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>>. Acesso em: 4 set. 2014.
- HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente*. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2014.
- Kiefaber, David. *Famous photos reimagined as selfies in newspaper's wonderful print ads*. Adweek: Nova York, 13 nov. 2013.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. O historiador e o computador. In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri da. *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 207-210, v. 1.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MAYNARD, Dilton. *Escritos sobre história e Internet*. Aracajú: Fapitec; Rio de Janeiro: Luminárias, 2011.
- MEDALIA, Hilla; ShLAM, Shosh. *Web Junkie*. Dogwoof Pictures: Israel/EUA, 2013. 79 min.
- MOROZOV, Evgeny. *The net desilusion: the dark side of Internet freedom*. New York: Public Affairs, 2010.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 179-193.

O Estado de São Paulo. *Arquivo britânico coloca na Internet cerca de 2 mil relatos de soldados da 1ª guerra*. São Paulo, 14 de jan de 2014, Caderno de cultura. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,arquivo-britanico-coloca-na-Internet-cerca-de-2-mil-relatos-de-soldados-da-1-guerra,1118456>. Acesso em:

OTMAN, Gabriel. *Dicionário da cibercultura*. Trad. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

PARISIER, Eli. *The filter bubble: what the Internet is hiding from you*. New York: Penguin Press, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PRENSKY, Max. *Aprendizagem baseada em jogos digitais*. São Paulo: Senac, 2012.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre história*. Trad. Guilherme João de Freitas Texeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ROSENZWEIG, Roy. Scarcity or abundance? Preserving the past. In: ROSENZWEIG, Roy. *Clio wired: the future on the past in the digital age*. New York: Columbia University Press, 2011. p. 3-27.

_____. *Wizards, bureaucrats, warriors & hackers: writing the history of the Internet*. Disponível em: <<http://chnm.gmu.edu/resources/essays/d/25>>. Acesso em: 15 mar. 2006.

SHIRKY, Clay. The invisible college. In: BROCKMAN, John (org.). *Is the Internet changing the way you think? The net's impact on our minds and future*. New York: HarperCollins, 2011. p. 4-7.

THE NATIONAL ARCHIVES (Inglaterra). *Great war soldier's record*. Surrey, [2014]. Disponível em: <http://www.nationalarchives.gov.uk/education/resources/great-war-soldiers-record/>. Acesso em:

WELLER, Toni (org.). *History in the digital age*. New York: Routledge, 2013.

Recebido em 4/7/2016

Aprovado em 8/8/2016